

DERMATOFITOSE POR *Nannizzia gypsea* EM *Oryctolagus cuniculus*

¹Maria Eduarda Ribeiro Araújo Rodrigues; ²Laura de Araujo Crispim; ³Lilian Silva Catenacci; ⁴Vinicius Soares Esteves; ⁵Bianca de Carvalho Sousa; ⁶Alessandro Domingos Araújo Filho.

^{1,2} Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil; ^{3,4} Setor de Animais Silvestres e Pets não Convencionais do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil; ⁵ Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Aplicadas a Animais de Interesse Regional da Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil; ⁶ Médico Veterinário, Pós-graduado em Manejo e Conservação de Animais Silvestres.

Área temática: Clínica e Cirurgia de Animais Silvestres

E-mail do autor: maria.ribeiro.mr@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO: As dermatofitoses são infecções fúngicas superficiais causadas por dermatófitos queratinofílicos, representando importante zoonose com risco significativo à saúde pública. Em coelhos, o complexo *Trichophyton mentagrophytes* é o agente mais prevalente, seguido por *Microsporum canis* e *Nannizzia gypsea*. A infecção pode ser transmitida por contato direto com animais infectados, ou por contato indireto, incluindo fômites e ambientes contaminados. O diagnóstico precoce é fundamental para prevenir transmissão zoonótica e controlar surtos.

OBJETIVO: Relatar um caso de dermatofitose ocasionada por *N. gypsea* em uma coelha.

MÉTODOS: Foi atendida no Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal do Piauí (HVU/UFPI) uma coelha, com oito meses de idade e pesando 366 g, adquirida em casa de ração cerca de duas semanas antes do atendimento, mantida em ambiente domiciliar e alimentada com ração peletizada à granel. Ao exame clínico, a paciente encontrava-se alerta, com parâmetros fisiológicos dentro da normalidade. Na avaliação dermatológica, observaram-se crostas branco-amareladas em ambas as orelhas, além de lesões cutâneas no focinho e entre os dígitos do membro pélvico esquerdo, sugestivas de dermatopatia fúngica, mantendo-se a suspeita diferencial para ectoparasitoses. Durante a anamnese, a tutora relatou utilização prévia de pomada tópica à base de cetoconazol nas lesões auriculares, porém sem melhora clínica significativa. **RESULTADOS:** Instituiu-se tratamento inicial com ivermectina (0,2 mg/kg, subcutâneo, dose única), com intenção de vermifugação preventiva devido sua origem. No exame coproparasitológico observaram-se oocistos de protozoários, enquanto o raspado cutâneo foi negativo para sarna. Realizou-se também cultura fúngica com pelos, onde foram isoladas colônias de cor creme na superfície e marrom no reverso, de aspecto pulverulento. À microscopia foram observados macroconídios em abundância, com formato fusiforme e microconídios em formato de pera, sugestivos de *Nannizzia gypsea*. Prescreveu-se itraconazol (10 mg/mL, VO, SID por 30 dias), selamectina tópica (4,4 mg/kg, dose única) aplicada na base do pescoço e higienização das lesões com clorexidina spray (BID). Para descontaminação ambiental, recomendou-se limpeza mecânica prévia seguida de desinfecção com hipoclorito de sódio diluído ou desinfetantes veterinários com ação fungicida comprovada. Após 30 dias, houve melhora significativa do quadro, restando apenas pequenos focos residuais, o que motivou a extensão do tratamento por mais 15 dias. **CONCLUSÃO:** O diagnóstico micológico precoce, associado à terapia antifúngica direcionada com itraconazol e às medidas adequadas de higienização, possibilitou resolução clínica satisfatória. Reforça-se a importância da investigação laboratorial nas dermatopatias de lagomorfos para manejo adequado e redução de riscos à saúde pública, evidenciando o papel do médico veterinário desde os primeiros sinais clínicos.

Palavras-chave: Lagomorfo, Micologia, Zoonose.